

Literatura em HQ: um caminho para a formação de leitores



Silvia C. Almeida Joaquim
Mestranda em Comunicação
(USCS)

As adaptações de livros já são muito comuns na televisão e no cinema. Nem sempre atendem às expectativas de quem assiste, principalmente daqueles que já leram a obra de origem. Obviamente, por terem um tempo mais curto do que o do livro, as adaptações acabam deixando de lado muitos detalhes que para o telespectador seriam essenciais.

As adaptações de obras literárias para os quadrinhos, que surgiram a partir da década de 1940, enfrentam o mesmo problema. Embora essas publicações tenham sido incentivadas pelo governo federal por meio de sua inclusão nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e em programas como o PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola), muitos estudiosos de literatura e leitura e até mesmo algumas escolas as abominam. Argumentam que reforçam a preguiça dos alunos em ler a obra na íntegra, cumprindo um papel parecido

com os famosos resumos de obras utilizados em cursinhos pré-vestibulares.

Uma abordagem contrária, no entanto, é vista no livro *Literatura em quadrinhos: arte e leitura hoje*, de Patrícia Kátia da Costa Pina, professora titular de Literatura Brasileira da Universidade Estadual da Bahia (UNEB). Como as imagens e o apelo visual existentes nos quadrinhos chamam a atenção das crianças e jovens, essas adaptações na verdade acabam incentivando-os a tomar gosto pela leitura.

E é com esse argumento que, no primeiro capítulo, a autora convoca os professores e formadores de leitores (sobretudo professoras, que ela trata intimamente de "leitora amada" ou "amiga") para uma discussão acerca do assunto. Um "prezado leitor impaciente" também é mencionado, talvez um aficionado por quadrinhos, mas este fica em segundo plano.



PINA, Patrícia Kátia da Costa. *Literatura em Quadrinhos: arte e leitura hoje*.

Curitiba: Appris, 2012.

A obra pode ser dividida em duas partes, ou melhor, duas paixões, como enfatiza a prefaciadora Eliana Yunes: o leitor em formação e os quadrinhos.

No segundo capítulo, dedicado à primeira paixão, é defendida a ideia da existência de um leitor implícito (segundo a teoria da recepção e do efeito de Wolfgang Iser) que ensina o leitor empírico (leitor comum, "de carne e osso") a ler o texto além de decifrar caracteres impressos em preto na página branca. Assim, a leitura é muito mais do que isso: é apropriar-se do texto levando em conta uma heterogeneidade de repertórios, estabelecendo um diálogo com a obra.

Esse tipo de leitura também é esperado nos quadrinhos, a segunda paixão. "HQ é arte", como a autora menciona em um dos subtítulos do terceiro capítulo. Embora possa parecer, não é fácil ler quadrinhos, devido à complexidade de sua linguagem híbrida (palavra e imagem). Não basta ler o que está escrito; é preciso entender a colorização (mesmo se estiver em preto e branco), a disposição das vinhetas, o significado dos balões, as expressões no rosto e no gestual dos personagens, os recursos verbais e não verbais presentes.

Utilizando os exemplos de algumas adaptações literárias para os quadrinhos das obras de Machado de Assis e Monteiro Lobato, a autora mostra como interpretar artisticamente essas obras, para além do texto. Na adaptação de César Lobo (arte) e Luís Antonio Aguiar (roteiro) de *O Alienista* para a editora Ática, por exemplo, é feita uma análise desde a capa, que através de cores

chamativas (como vermelho), letras grandes e fragmentadas, já dá ao leitor uma ideia de que se trata de uma história assustadora, aterrorizante. No miolo encontra-se uma sugestão de volta ao passado (século XIX, data do original) com uma página amarelada, envelhecida propositalmente.

No caso de Monteiro Lobato, a obra analisada é *Dom Quixote das crianças*, adaptação do roteirista André Simas para a editora Globo. Vale lembrar que a obra de Lobato também já é uma adaptação da obra-prima de Cervantes. Logo na capa chamam a atenção os traços arredondados, as cores vivas, num processo de infantilização da obra-fonte. O destaque da capa é Visconde de Sabugosa, assim como na apresentação é Emília, ambos vestidos de Dom Quixote. A autora denota que ambos também são bonecos, prevalecendo o lúdico, uma escolha feita desde a adaptação para a TV, ou seja, o adaptador acaba interpretando a obra à sua maneira, sendo antes de tudo também um leitor.

Num tom conclusivo, o quarto capítulo junta as duas paixões, defendendo as adaptações de obras literárias para os quadrinhos como formadoras de leitores, como produtos que podem, sim, aguçar o gosto pela leitura literária na contemporaneidade, neste século XXI globalizado, em que somos expostos aos mais diversos tipos de tecnologia, que nos afastam cada vez mais de uma obra literária extensa. Ler nos dias de hoje, portanto, torna-se um desafio, e assim a leitura literária ganha ainda mais ênfase, pois seu papel é sensibilizar o ser humano.

O quinto capítulo, embora seja a conclusão, a autora define como inconclusivo, pois mesmo que tenha admitido que as adaptações tenham todo o aspecto positivo que foi denotado ao longo da obra, é preciso que haja mediadores e leitores entusiasmados nesse processo. Ler uma obra artística é um ato que constrói mundos e vontades, mas não nascemos prontos para

isso; precisamos ser educados, formados e provocados para tal.

Do contrário, essas obras ainda vão demorar bastante para ter sucesso. É assim que entendemos por que o principal público-alvo do livro são professoras, as "leitoras amadas". Pois sem elas não há como viabilizar esse sucesso, mesmo com o apoio do governo e de editoras interessadas em publicar essas obras. 🗨

Normas para submissão

A revista 9ª. Arte recebe trabalhos inéditos, compreendendo artigos analíticos e/ou ensaísticos, feitos a partir de pesquisas acadêmicas e realizados por doutores e doutorandos. Trabalhos de mestres podem ser submetidos, mas sempre em coautoria com professores doutores. A avaliação seguirá o processo de *blind review*.

Os artigos deverão, necessariamente, conter:

- 1) Título com, no máximo, 80 caracteres com espaço, na fonte Times New Roman corpo 16 negrito e caixa alta e baixa;
- 2) Nome do autor, titulação e instituição a que pertence;
- 3) Resumo em português e inglês de 5 a 10 linhas, na fonte Times New Roman corpo 12, espaçamento 1,5 e justificado;
- 4) 3 a 5 palavras-chave em português e inglês;
- 5) O corpo do texto (na fonte Times New Roman corpo 12, espaçamento 1,5 e justificado) deve ter de 20 mil a 30 mil caracteres com espaço. A estrutura do artigo deve evidenciar na **Introdução** os objetivos e a metodologia do trabalho, seguida do **Referencial Teórico**, a **Análise dos dados** e as **Considerações finais**. Os intertítulos seguem a mesma padronização do texto, mas devem estar em negrito e alinhados à esquerda;
- 6) As citações diretas devem ter até 3 linhas com aspas e, acima de 3 linhas, serão colocadas em destaque, com recuo de 1,25 cm da margem esquerda e com espaçamento simples;
- 7) As Referências Bibliográficas devem seguir a norma NBR-ABNT 6023/2002;
- 8) As figuras devem ser enviadas em arquivos separados e em 300 DPI. No corpo do texto é necessário indicar o local para a inserção das figuras, por meio de legendas (na fonte Times New Roman corpo 9, com espaçamento simples) numeradas em ordem crescente. Quando necessário, indicar a fonte.

As **resenhas** devem obedecer as mesmas normas dos artigos, contendo entre 3000 e 5000 caracteres com espaços.